

Jean-Paul Didierlaurent

# O LEITOR DO COMBOIO

Tradução  
Inês Castro

CLU  
BE<sub>o</sub>  
AUT  
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa.

© 2014, Éditions Au diable vauvert  
Direitos para esta edição:  
© 2017, Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º  
1050-019 Lisboa, Portugal  
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21  
info@clubedoautor.pt

Título original: *Le Liseur du 6h27*  
Autor: Jean-Paul Didierlaurent  
Tradução: Inês Castro  
Revisão: Maria João Lourenço  
Paginação: Maria João Gomes,  
em caracteres Revival  
Impressão: Multitipo – Artes Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-346-2  
Depósito legal: 421175/17  
1.ª edição: Março, 2017

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)

À Sabine,  
sem a qual este livro não existiria,

ao meu pai,  
que, mesmo invisível,  
continua a inspirar-me o seu amor eterno,

à Colette e ao seu apoio inabalável.

# I

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros, atormentados por um estrabismo deselegante, lábio leporino ou um sinal de nascença, avermelhado e feio, no meio do rosto, soltam o primeiro choro. Há ainda quem venha ao mundo com um pé boto, até com um membro já morto antes de ter vivido. Guylain Vignolles, esse entrara nesta vida tendo como único fardo o infeliz trocadilho que oferecia a associação do seu apelido com o nome próprio: Vilain Guignol, qualquer coisa como «fantoche feio», um funesto jogo de palavras que ecoara nos seus ouvidos desde os primeiros passos nesta existência para jamais o abandonar.

Os pais tinham ignorado os nomes sugeridos em cada um dos dias no calendário dos Correios daquele ano

de 1976 para fazer recair a sua escolha nesse «Guylain», surgido do nada, sem pensar um único instante nas consequências desastrosas do seu ato. Surpreendentemente, e embora a curiosidade fosse grande, ele próprio nunca ousara perguntar a razão de semelhante escolha. Medo de provocar constrangimentos, quem sabe? Medo, sem sombra de dúvida, de que a banalidade da resposta o deixasse desapontado. Volta e meia, divertia-se a imaginar o que poderia ter sido a sua vida caso se chamasse Lucas, Xavier ou Hugo. Até Ghislain teria sido suficiente para fazer dele um homem feliz. Ghislain Vignolles, um nome a sério no qual ele se poderia ter construído, o corpo e o espírito bem protegidos por essas sílabas inofensivas. Em vez disso, vira-se obrigado a atravessar a infância com o trocadilho fulminante sempre atrelado: fantoche feio. Ao longo dos seus trinta e seis anos, aprendera a fazer-se esquecer, a tornar-se invisível, para não despertar o riso e a zombaria que surgiam mal davam por ele. A não ser nem bonito, nem feio, nem gordo, nem magro. Apenas uma vaga silhueta vislumbrada na orla do campo de visão, fundindo-se na paisagem até se renegar a si mesmo, a fim de permanecer num outro lugar nunca visitado. Durante todos esses anos, Guylain Vignolles passara o tempo a não existir, salvo naquela sinistra plataforma de estação que pisava todas as manhãs, de segunda a sexta-feira. Todos os dias, sempre à mesma hora, esperava pelo

comboio da RER com os dois pés pousados na linha branca que delimitava a zona a não transpor devido ao perigo de cair. Essa linha insignificante traçada no cimento possuía o estranho condão de o acalmar. Ali, os odores de carnagem, que passavam a vida a flutuar no seu espírito, evaporavam-se como que por magia. E, durante os poucos minutos que o separavam da chegada da composição, calcava a linha como que para nela se fundir, consciente de que se tratava apenas de uma prorrogação ilusória, de que o único meio de escapar à barbárie que o aguardava para lá do horizonte teria sido abandonar essa linha sobre a qual oscilava estupidamente, pisando ora com um pé, ora com o outro, e ir para casa. Sim, bastaria desistir, pura e simplesmente, voltar para a cama e enroscar-se na cova ainda morna criada pelo seu corpo durante a noite. Dormir para escapar. Por fim, Guylain resignava-se à sua sorte e permanecia sobre a linha branca, escutando a pequena multidão de passageiros habituais que se aglutinavam atrás dele, os olhares fixos numa ligeira queimadura na nuca que lhe lembrava que ainda estava vivo. Ao longo dos anos, os outros viajantes tinham acabado por demonstrar por ele aquele tipo de respeito indulgente reservado aos lunáticos vagamente simpáticos. Guylain funcionava como um fôlego que, durante os vinte minutos que durava a viagem, os arrancava durante algum tempo à monotonia dos dias.

## 2

A composição imobilizou-se junto à plataforma com um violento rangido de freios. Guylain afastou-se da linha branca e subiu para o estribo da carruagem. À direita da porta, aguardava-o um estreito banco rebatível. Preferia a dureza do tampo plástico cor de laranja à macieza dos bancos estofados. Com o passar dos anos, o banco rebatível acabara por fazer parte do ritual. O ato de baixar o assento tinha qualquer coisa de simbólico que o tranquilizava. À medida que a carruagem se punha em marcha, tirou a pasta de cartão da maleta de cabedal que o acompanhava sempre. Entreabriu-a com cuidado e exumou, do meio de dois mata-borrões de um rosa-bombom, a primeira folha. O papel fino, meio rasgado e esfrangalhado no canto superior esquerdo,

pendia-lhe entre os dedos. Era uma página de livro, formato 13x20. O jovem examinou-a por momentos antes de a pousar de novo no meio das folhas de papel absorvente. Pouco a pouco, fez-se silêncio na carruagem. Por vezes, os «chius» de desaprovação retumbavam para fazer calar algumas conversas que custavam a morrer. E então, como todas as manhãs, depois de um derradeiro pigarrear, Guylain começou a ler em voz alta:

«Paralisada e muda de espanto, a criança só tinha olhos para o animal ofegante pendurado na porta do celeiro. O homem aproximou a mão da garganta palpitante de vida. A lâmina afiada afundou-se, silenciosa, no pelo branco macio e um géiser quente esguichou da ferida, salpicando-lhe o pulso de gotículas de um vermelhão forte. De mangas arreçadas até aos cotovelos, o pai talhou a pele com gestos precisos. Em seguida, com as mãos poderosas, puxou devagar a pelagem, que começou a deslizar como uma meia vulgar. Surgiu então, em toda a sua nudez, o corpo fino e musculoso do coelho, ainda a fumar de vida. A cabeça pendia, feia e descarnada, com dois olhos esbugalhados que fixavam o vazio sem uma ponta de censura.»

Ao nascer do dia, esbarrando contra os vidros embaciados, o texto derramava-se da sua boca numa longa



fiada de sílabas, entrecortadas aqui e ali de silêncios, nos quais se engolfava o ruído do comboio em movimento. Na opinião dos passageiros que viajavam na composição, ele era «o leitor», um tipo estranho que, todos os dias da semana, lia em voz alta e inteligível as poucas páginas que retirava da maleta. Tratava-se de fragmentos de livros sem qualquer relação entre si. Um excerto de uma receita de cozinha podia acompanhar a página quarenta e oito do último Goncourt, um parágrafo policial sucedia a uma página de um livro de História. Para Guylain, pouco importava o conteúdo. Só o ato de ler se revestia de importância aos seus olhos. Declamava os textos com a mesmíssima aplicação obstinada. E, de todas as vezes, a magia funcionava. As palavras saíam-lhe dos lábios, levando com elas um pouco da repulsa que o sufocava ao aproximar-se da fábrica:

«A lâmina da faca descerrou, por fim, a porta do mistério. Produzindo uma longa incisão, o pai esvaziou o abdómen do animal, que regurgitava as entranhas fumegantes. Como que impaciente por sair do peito onde se achava confinado, o rosário de vísceras escapou-se-lhe por entre os dedos. Do coelho restou apenas um pequeno corpo ensanguentado, enrolado num pano de cozinha. Nos dias que se seguiram, outro coelho deu um ar da sua graça. Mais uma bolinha de pelo branco que saltitava no calor da

coelheira, com aqueles olhos cor de sangue que contemplavam a criança para lá do reino dos mortos.»

Sem erguer a cabeça, Guylain pegou com cuidado numa segunda folha.

«Instintivamente, os homens haviam mergulhado de cabeça no solo, movidos pelo feroz desejo de se enterrarem, de se enterrarem cada vez mais fundo no seio da terra protetora. Alguns escavavam o húmus com as mãos nuas, fazendo lembrar cães raivosos. Outros, em posição fetal, ofereciam as costas frágeis aos fragmentos mortais que choviam de todos os lados. Tinham-se enovelado sobre si próprios, num reflexo oriundo da noite dos tempos. Todos, exceto Joseph, que permanecera de pé no meio do caos e que, num gesto insano, cingira o tronco da grande bétula branca diante de si. Através das fendas que listravam o tronco, a árvore resumava uma resina espessa — grandes lágrimas de seiva que perlavam à superfície da casca antes de se derramarem lentamente. A árvore esvaziava-se, tal como Joseph, cuja urina quente escorria pelas pernas abaixo. A cada nova explosão, a bétula estremecia contra o seu rosto, tremia entre os seus braços.»

O homem estudou as folhas desenterradas da mala até o comboio chegar à estação. Ao mesmo tempo que

o vestígio das últimas palavras pronunciadas se desvanecia no seu palato, contemplou os outros viajantes pela primeira vez desde que entrara na composição. Como amiúde acontecia, descobriu nos rostos deles sinais de decepção, e até mesmo tristeza. Aquilo durou apenas o tempo de uma respiração. A carruagem esvaziou-se com rapidez. Por seu turno, também ele se levantou. O banco rebatível produziu um estalido seco ao voltar a dobrar-se sobre si próprio. Claquete. Fim da cena. Uma mulher de meia-idade sussurrou-lhe um agradecimento discreto ao ouvido. Guylain sorriu-lhe. Como explicar que não fazia aquilo por eles? Resignado, deixou para trás o calor tépido da carruagem, abandonando as páginas lidas nesse dia. Gostava de saber que ficavam ali, escrupulosamente introduzidas entre o assento e o encosto do banco rebatível, longe do tumulto destrutivo a que haviam escapado. No exterior, a chuva redobrou de violência. Como quase sempre que se aproximava da fábrica, a voz áspera do velho Giuseppe ressoou na sua cabeça. «Não és feito para isto, miúdo. Ainda não tens noção, mas não és feito para isto!» Sabia do que falava, o velho, ele que não encontrara nada melhor do que vinho tinto barato para arranjar coragem de continuar. Guylain não lhe dera ouvidos, acreditando ingenuamente que a rotina acabaria por resolver tudo, que invadiria a sua existência como uma bruma de outono, ao ponto de anestesiar os

seus pensamentos. Apesar dos anos, a náusea assaltava-lhe sempre a garganta diante da visão do enorme muro sujo e decrépito. Atrás, escondia-se a Coisa, bem protegida dos olhares. A Coisa que esperava por ele.